VULTOS DO MAGISTÉRIO MILITAR

Arivaldo Silveira Fontes (*)

CARLOS STUDART FILHO

Ao prefaciar o seu livro "Fundamentos Geográficos e Históricos do Estado do Maranhão e Grão Pará" (Bibliex, Rio, 1959), disse o historiador Arthur Cezar Ferreira Reis: "O general Carlos Studart Filho soube fixar os lances decisivos dessa obra admirável". E continua: "firmado na autoridade dos que o precederam e na documentação que compulsou (...) podemos interpretar sua obra, já bastante valiosa, de historiador do Nordeste".

Nasceu a 17 de junho de 1896, na cidade de Fortaleza, filho de Carlos Gordon Guilherme Studart. Feito os estudos preparatórios, cursa a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde cola o grau respectivo, no ano de 1918.

Apresenta a tese: "Contribuição para o estudo do apêndice íleo-cecal no homem". Mais alguns meses e ingressa no Serviço de Saúde do Exército e é promovido a 2° tenente médico a 3 de dezembro de 1919. A promoção a 1° tenente veio no ano seguinte (dezembro de 1920).

O historiador João Alfredo de Sousa Montenegro, ao tomar posse na cadeira n° 27, do Instituto do Ceará, disse sobre o patrono da sua cadeira (Carlos Stuart Filho): "mas a medicina não o seduzia, a ponto de fazer dela a sua principal atividade.

Consagrou-se efetivamente à pesquisa histórica e afim "(Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1991).

Faz o curso de aperfeiçoamento pelo regulamento de 1921. Alcança o posto de capitão em 1926. Presta serviços de guerra nas revoluções de São Paulo, de 14 de maio a 28 de julho de 1926 e,

---

(*) Arivaldo Silveira Fontes é Coronel Professor Reformado, tendo exercido o magistério, por vários anos, no tradicional Colégio Militar do Rio de Janeiro. Foi Diretor Nacional do SENAI e, atualmente, é Presidente da Fundação Osório no Rio de Janeiro. Sócio efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB), Sócio correspondente do Instituto do Ceará e Membro de várias outras Instituições Culturais.

novamente, de 29 de setembro a 3 de outubro de 1932.

É eleito sócio efetivo do Instituto do Ceará a 20 de setembro de 1928.

Passa a sócio benemérito em setembro de 1970.

Já havia sido eleito Presidente em 1968. E permanece à frente daquele ilustre sodalício, até a sua morte em 6 de abril de 1982.

À mocidade estudantil dedicou o seu imenso labor. E lecionou no Colégio Militar do Ceará as disciplinas de história, instrução moral e cívica e geografia geral. Foi também professor de geografia na Escola Normal do Ceará e de arqueologia no Instituto de Antropologia da Universidade Federal do Ceará.

Começou a publicação de inúmeros trabalhos na "Revista do Instituto do Ceará". E o General Paulo Cidade, ao publicar "Literatura Militar Brasileira", (Rio, 1959) fala-nos sobre a excelência dos trabalhos de alguns Institutos, dizendo textualmente: "merecem ainda as atenções dos estudiosos de nossa história militar as importantes publicações dos institutos históricos do Pará, do Ceará e da Bahia".

Aparecem, entre outras obras, as "Notas para a história das fortificações no Ceará". (Fortaleza, 1930), elogiadas pelo General Paula Cidade (no livro acima referido); "História do Ceará Holandês" (Fortaleza, 1954); o já citado livro sobre o Estado do Maranhão e Grão Pará (1959); "A revolução de 1817 no Ceará e outros estudos" (Fortaleza, 1961).

Em 1938 foi extinto o Colégio Militar do Ceará. Seus professores são distribuídos por outros estabelecimentos de ensino.

Ele vem para o Colégio Militar do Rio. Aqui permaneceu até ser fundada a Escola Preparatória de Cadetes de São Paulo.

Retorna ao Colégio Militar do Rio, quando é promovido a Coronel em setembro de 1948.

Mantém-se no exercício da cátedra de geografia, até a sua reforma em 1955, como General de Divisão.

Volta para a sua terra natal. Trabalha, escreve, preside o velho Instituto, que também foi dirigido pelo Barão de Studart (1929-38).

E o mestre "de linguagem clássica, positivista", de "linguagem escorreita, limpa, sem excessos, elegante, com vocabulário rico e expressivo", na opinião do historiador Sousa Montenegro, termina os seus dias, na cidade que tanto amou, aos 86 anos de uma vida de intenso labor intelectual.

Antônio Urbano de Almeida

Ao estudar a figura de *Antônio Urbano de Almeida* dissera o jornalista Francisco Lopes, do SENAI Nacional: "Tornou-se uma figura lendária e carismática" e "soube passar os valores da fé, da firmeza de propósitos, do ideal patriótico e do amor ao próximo aos seus alunos da Escola Preparatória de Fortaleza".

Nasceu Antonio Urbano na cidade cearense de Quixadá a 1° de outubro de 1900.

Após os estudos preparatórios no seu estado natal, cursou a Escola de Engenharia de Minas, na cidade de Ouro Preto.

Transferiu-se, já no 3° ano, para a Escola Politécnica do Rio, a fim de fazer companhia a um seu irmão, recém-matriculado na Faculdade de Medicina da Capital Federal.

Diplomado em engenharia civil em 1925, voltou a Fortaleza e foi contratado pela Rede de Viação Cearense. Trabalhou em obras de construção de linhas, tanto no ramal da Paraíba, como no prolongamento da linha principal até o Crato.

Veio a revolução de 1930. Foi nomeado chefe do 1° distrito da IFOCS (Inspetoria/Federal de Obras contra a Seca) e prefeito da Capital cearense.

Começou a lecionar na Escola Ferroviária de Fortaleza. A 2 de junho de 1954 foi nomeado professor adjunto de catedrático de geometria e trigonometria, na Escola Preparatória de Fortaleza. Tomou posse na presença do Cel. Amangá Liberato de Castro Menezes, comandante do estabelecimento (1952–54).

Po outro decreto, de 5 de julho de 1955, foi transferido da cadeira de geometria e trigonometria para a cadeira de física.

Em dezembro de 1961 o então comandante, Cel. Raimundo Teles Pinheiro, dizia sobre ele: "mestre dedicado, orientador esclarecido, (...) dá aos seus discípulos a melhor orientação e direção na aprendizagem".

Com a criação das delegacias regionais do SENAI foi, a 27 de novembro de 1943, investido na função de delegado da 1ª Região, que abrangia os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão.

Era a fase do pioneirismo da instituição hoje cinqüentenária. Havia dois grandes obstáculos a vencer: a incipiente industrialização daqueles Estados e a vasta extensão territorial.

Mais tarde o último obstáculo se tornaria ainda mais vultoso. A partir de 1946 ficaram, também, sob sua gestão, os estados do Amazonas e do Pará e os territórios do Acre, Amapá e Rio Branco (Roraima).

Começou a semeadura de escolas. Foram construídos centros de aprendizagem em Fortaleza, São Luís, Belém e Parnaíba.

Cercou-se de um grupo notável de jovens técnicos e que foram, depois, os diretores regionais do Rio Grande do Norte (Jair Álvares Vilar), do Maranhão (Raimundo Franco Teixeira), do Pará (Stênio Lopes), do Piauí (José Mário Aranha Pinheiro) e do Amazonas (Florêncio de Cunha Batista).

É interessante transcrever o que um deles falou sobre o seu Chefe: "foi um legítimo pioneiro" e continuou: "pensava pouco em si mesmo, em interesses pessoais, e colocava o exercício de sua função no SENAI como uma missão". (Stênio Lopes, SENAI 50 ANOS, Campina Grande, 1992).

Finalmente a 16 de junho de 1982 morria, em Fortaleza, o excelente professor e notável chefe, que, com dedicação e patriotismo, serviu ao magistério militar e à fase de implantação do SENAI em vários estados do Norte e do Nordeste do Brasil.